

CABELO CRESPO, CORPO NEGRO NA LUTA CULTURAL POR REPRESENTAÇÃO AFIRMATIVA DA IDENTIDADE NEGRA

KINKY HAIR, BLACK BODY IN THE STRUGGLE FOR AFFIRMATIVE REPRESENTATION OF BLACK IDENTITY

SILVA, Celia Regina Reis da *

<https://orcid.org/0000-0001-6650-2909> 

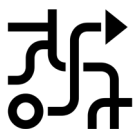
RESUMO: Esse texto é um viés de um estudo que levantou e trouxe para análise questões relacionadas a cabelo crespo, corpo negro entendido enquanto território de insurgências em estéticas de reexistência na decolonialidade de corpos, seres e saberes invisibilizados por padrão cultural hegemônico eurocêntrico. Trazemos ações de coletivos culturais em relações interculturais, intertextuais expressando sua negritude. Trata-se de práticas culturais identitárias atuais em luta contínua afro-diaspórica pela cultura e (auto) representação nas relações raciais moderno/colonial.

Palavras-chave: Cabelos crespos, corporeidade negra, identidade negra, afro-díaspóra, reexistência.

ABSTRACT: This study raised and analysed issues related to kinky hair, understood as a territory of insurgencies in reexistence aesthetics in the decoloniality of bodies, beings and knowledges made invisible by the hegemonic Eurocentric cultural pattern. The research, focused on cultural collective movements, particularly kinky hairstyles in intercultural, intertextual, expressing their Blackness. They are current cultural identity practices in a productive dialogue with the past, in a continuous Afro diasporic struggle for culture and (self) representation in the racial relations of modernity.

Keywords: Kinky hair, Black corporeality, Black identity, African diaspora, reexistence.

* Professora Dra. Em História Social pela PUC/SP. E-mail: celregreis@yahoo.com.br.



INTRODUÇÃO

Este texto que ora apresentamos trata-se de uma reflexão, a partir de estudos que realizamos no doutorado: *Crespos Insurgentes* estética revolta: memória e corporeidade negra paulistana, hoje e sempre.

Cabelo crespo, corpo Negro na luta cultural, compreendido enquanto território de contestação que emerge quando atentamos aos seus movimentos culturais empreendidos por jovens afro-brasileiros em São Paulo. Cabe lembrar, vem de longe a estratégia corporal de expressar e afirmar heranças de ancestralidades africanas através de representações no contencioso campo de demarcações raciais da modernidade.

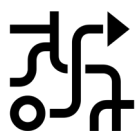
Quando comecei a buscar referências de cabelo crespo para desenvolver esse estudo, fui encontrando-o pela cidade: em cabeças, corpos, muros, tatuagens, vestimentas. Marcas como Cresposim e Deeanto. Muitas referências ao cabelo como símbolo de afirmação da identidade negra, expressão da cultura negra e, principalmente, de contestação ao racismo em provocações ou exposições de símbolos como imagens de ícones negros, personalidades na luta antirracista, nas culturas negras, o pente garfo, a cabeleira, as tranças, o Black Power, os Dreads.

O texto reflete um estudo realizado a partir de movimentos culturais, nos quais jovens negros manifestam-se, através de narrativas literárias e performáticas negras e periféricas. Inseridos no campo da História Social, referindo-se aos modos como cabelos crespos, corpos negros, veiculam e expressam modos de ser, pensar e de viver; tais lócus de estudo foram pensados como territórios culturais. Não em perspectiva cronológica linear, mas em relação de diálogos entre múltiplas temporalidades, trançando encontros entre gerações.

CABELO CRESPO, CORPO NEGRO EM PROCESSOS EDUCATIVOS AFRO-POPULARES

O interesse por esse tema de pesquisa existe já há algum tempo. Nasceu, também, da nossa experiência pessoal como pesquisadora e educadora no ensino de história, onde tais questões sempre estiveram presentes nas escolas.

No espaço educacional encontramos conflitos entre sujeitos do universo escolar por conta de referências pejorativas atribuídas a estudantes, constantemente sendo chamados de macaco, corpo de piche, cheiro de queimado, sujo, fedido..., investindo contra crianças e



adolescentes negros através dos cabelos: “cabelo de Bombril”, “de palha de aço”, “duro”, “cabelo assolam”, “miojo”, “cotonete de orelhão” e por aí adiante.

Muitas vezes o cabelo crespo tornou-se assunto em sala de aula, não como conteúdo, mas como questão de relacionamento entre estudantes, ou às vezes, entre esses e professores, diretores e funcionários da escola. Sempre foi inquietante o fato de que as alunas que tinham cabelos crespos ou carapinha, estivessem com seus cabelos presos, amarrados e os meninos com a cabeça raspada ou bem curto, usando bonés. Ainda é comum ouvir profissionais da educação tecendo críticas em relação aos alunos que mantêm seus cabelos crespos soltos, “armados”. O cabelo crespo solto é impensável no ambiente escolar, sendo apenas aceito se estiver alisado, “preso” de alguma forma.

A vida escolar de estudantes negros revela-se um “inferno”, com vivências cotidianas de humilhações por conta da pele negra, dos cabelos crespos, dos penteados afros. Os meninos sempre se esconderam sob bonés, e a escola proíbe seu uso, gerando conflitos que chegam à suspensão, evasão e expulsão. Se alunos negros deixam o cabelo crescer a pressão para cortar é forte.

Nas relações raciais, o cabelo é um elemento polêmico, ter cabelos crespos pode significar muitas histórias, experiências familiares, escolares, de trabalho, amorosas conflituosas. Sociabilidades marcadas por corporeidades menosprezadas, vidas marcadas por tentativas de submissão via processos violentos de alteração da aparência capilar, que deve assemelhar-se ao padrão liso; simultaneamente, também, ocorrem exposições de insubmissas madeixas crespas, nos mais variados penteados em insurgências a perfis ocidentais.

Reações aos ditames do eurocentrismo, que avesso a diferenças investe na colonização de “outros”, impondo sua cultura imperial, subalterniza o que escapa de sua métrica, sufoca resistências, expropria os outros de si mesmos, aposta na identidade fragilizada como versa Kintê: “Sempre empenham / Que as pretas / Sempre tenham / Queixas pelas madeixas”².

Diante do fenômeno de subalternização, material e simbólica, hoje, a grande São Paulo encontra limites, percalços em nova onda de negritude, de afirmação de perfis, de posturas do refazer-se na contramão da ética e estética da branquitude. Além de parâmetros conceituais de ser humano construído pelo ocidentalismo cristão, de sua concepção de universalidade norteadas pela “razão” e individualidade “civilizada”.

² KINTE, Akins. Poesia “Duro não é o cabelo”. In Cadernos Negros, 2012, volume 35, p. 22-3.



CORPOREIDADE NEGRA, MEMÓRIA E DIÁSPORA

Sob opressão, negros e negras em diásporas, vítimas de tentativas de aniquilação física, psíquica, moral, epistêmica; frente a processos coloniais reagiram e reagem. Passaram e passam por angústias, agonias, sempre resistindo e reconstruindo estratégias de preservação de suas culturas, de suas cosmovisões, de suas tradições em memórias de reexistências.

Frente colonialidades, penteados afros expressam protagonismo contestador, em arte corporal que comunica, insurge, fala de pensamentos crespos, filosofias a contrapelo, religiosidade em ética de matriz africana e antirracista, em subjetividade corpórea, construindo linguagens próprias.

O cabelo como antídoto, promotor de reflexões anti-eurocêntricas, na contramão de ideologias produtoras de sentimentos de superioridade branca e inferioridade negra, implica, segundo Raymond Williams (1979), bombardear tais conceitos, alcançando o âmago de como, historicamente foram forjados.

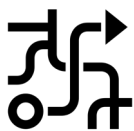
Sobretudo, a construída beleza branca, pautada em lutas por significados frente a povos extra-europeus. Superior/inferior, belo/feio, bom/ruim estabeleceram-se socialmente através de representações e símbolos que alimentam o imaginário social dominante, tornando-se ao longo do tempo naturalizados.

Quando nos reportamos a corpos negros em diásporas, cabe destacar não trouxeram somente seus corpos físicos, sobretudo hábitos, cosmogonias, cosmologias, festejos, lembranças. Expressam-se, representam suas memórias dançando, produzindo sons, ritmos, cadências, ornamentando seus corpos com vestimentas e penteados enraizados em performances de “tradição viva”. Povos que, silenciados pelo tráfico e escravismo, traduziram suas culturas africanas nas Américas através da língua do corpo.

Corpos negros e cabelos crespos carregam valores, tradições, culturas e espiritualidades. Produzidos em suas cosmologias em persistente comunicação corpórea, em códigos culturais ressignificando a diáspora negra.

A cabeça, especialmente os cabelos crespos se inserem na comunicação corporal, manifesta através dos penteados afros, considerados aqui como manifestações artísticas, penteados esculturais. Trata-se de “estéticas de memórias ancestrais, próximas, familiares, cotidianas” e também, religiosas.

Estigmas como feio e ruim imposto aos africanos e seus descendentes, passam por um processo de revisão pelos estigmatizados que fazem da representação negativa,



construída pelo branco, uma reversão a auto representação, em que símbolos do estigma passam a ser símbolos da afirmação da identidade negra: *Black is beautiful, I love my Hair*.

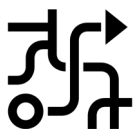
Sendo diversas as formas de depreciação do corpo negro, invisibilidade ou presença são estereotípias ancoradas no fortalecimento de estigmas. Vários grupos, em diversos movimentos negros, buscam apropriar-se das ferramentas de exclusão com o objetivo de refazer significados. Nesse processo, a literatura, o teatro, o quadrinho, a dança, entre muitos outros, são ocupados no intuito de desconstruir a visão negativa e inverter o quadro dos negros que ficaram a margem da escolarização oficial.

O século XIX foi um período, para a historiografia, de consolidação da ciência, como detentora de uma verdade universal, medida para validação ou estigmatização de conhecimentos produzidos por diferentes culturas. Período de solidificação das teorias que justificavam práticas de colonialidade em construção desde os séculos XV e XVI. Marco do desenvolvimento da modernidade/colonialidade, que no entender de Walter Mignolo (2003), são duas faces da mesma moeda, onde o desenvolvimento da modernidade europeia se firma na colonização de povos não europeus, através da sujeição do poder, do saber e do ser outro.

Eventos destinados à valorização do corpo negro, da beleza negra, visando despertar, cativar o gosto pelos cabelos crespos, atualmente são frequentes. Encontros como Encrespa Geral, Encrespa São Paulo, Meu Turbante, Deusas Urbanas expressam África até nos acessórios: brincos, colares, faixas e turbantes, com tecidos africanos ou similares.

O corpo é performado até na vestimenta, que veste até a cabeça, grifes como: Boutique Crioula, Preta Rainha e Xongani, que produzem adornos com a temática e simbologias da cultura afro-brasileira. Trata-se de investimentos em arte corpórea afirmando a identidade negra.

Há quem chame essa estética, por estar fora do contexto religioso, de estética vazia, que muitas pessoas aderem ao uso dos turbantes sem significados religiosos ou políticos. Cabe ressaltar, não há estética vazia, toda estética carrega significados. Sobretudo a veiculada pelos turbantes, dreads e black power por exemplo, num contexto atualizado e mesmo quando não compreendido. Trata-se de ressignificações que não perdem sua raiz, participam de uma ética e estética contestatória, que se opõem a padrões hegemônicos; abrindo reflexões, trazendo à tona vozes silenciadas, que esculpem corpos negros, vestimentas, ornamentos, estampas, penteados.



Em diáspora, re-fazer significa re-existir, partindo do descartar a sobrevivência ao potencializar a supervivência frente o sistema dominante que individualiza, descaracteriza, proíbe e controla rituais e práticas em relações que fortaleçam o viver comunitário de povos negros. Em maneiras de viver, interativa, comunicativa, intercambiando dons que possibilitam ir muito além, dá-se a sobrevivência de corpos negros, utilizados e reutilizados há séculos.

Apesar da palavra diáspora africana parecer expressar um acontecimento no passado, longínquo, olhares atentos na busca de encontros com culturas soterradas pelo rolo compressor da colonialidade que visa apagar, solapar sofrimentos numa estrutura alisada, de expressão eurocêntrica, torna-se perceptível que homogeneizar pertencas negras é impossível. Em cada dobra, sobrevivem matrizes de cultura do que se queria apagar.

A diáspora é contínua, tanto no movimento físico, material, quanto sensível e cultural. No “entre lugares” se mantém vivas, acesas, como percebemos nesse momento de efervescência cultural negra no Brasil, cujo símbolo cabelo crespo, expressa a negritude.

REEXISTÊNCIAS NEGRAS EM PROCESSOS EDUCATIVOS AFRO-POPULARES

A juventude negra “tá nessa pegada” de que arte revoluciona, ocupando todos os espaços: muros, bares, garagens, casas de cultura, ruas, praças. É o Quilombaque, em Perus; Espaço Cultural Elo da Corrente, em Pirituba; Sarau na Brasa, Brasilândia; Brechoteca e Sarau do Binho, no Campo Limpo; Sarau e livraria Suburbano Convicto, no Bexiga; Cinema na Lage e Sarau Cooperifa, no Piraporinha; Sarau Magoma, no Capão Redondo; Capulanas Cia Arte Negra, no jardim São Luiz; Mjiba Mulher, no Céu Três Lagos, Grajaú; Útero Urbe, grafite de Carolina Teixeira; Soberana Ziza, Grafite; Os Crespo Cia de Teatro pelas ruas, praças e palcos de Sampa; Clariô Teatro, em Taboão da Serra; Sarau Perifatividade, Parque Bristol no Ipiranga; Sarau Adhemar, na Cidade Adhemar; Manifesto Crespo, coletivo de jovens negras; Du Morro Produções, na Brasilândia; Marginaliaria, na Zona Leste; Cozinha Hip Hop, de Zinho Trindade, entre muitos outros.

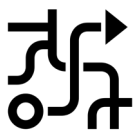
Tais manifestações culturais em suas diversas linguagens traduzem larga caminhada que vem de longe, em luta contra o racismo e o colonialismo. Reverenciam os ancestrais e protagonizam, ao seu modo, esse novíssimo Movimento Negro.



Atuam como agentes de mudança, uma vez que pressionam, provocam, interferem. De posse de saberes e práticas culturais afro historicamente rejeitadas pela escola, expressões artísticas e oralidades subalternizadas realizam o que órgãos oficiais de educação nunca se propuseram fazer. Iniciando pelas bordas, em instâncias comunitárias, vão se fortalecendo e adentrando espaços nunca antes permitidos, até mesmo em escolas. Promovem reflexões coletivas, formação que valoriza e respeita saberes e corporeidades além “padrão” ocidental, estimulando situações de aprendizagens pautadas em diálogos, respaldo à diversidade corporal e cultural, fortalecendo laços comunitários de grupos negros periféricos, em evidente contraponto ao individualismo e competitividade do sistema mundo.

A importância da atuação desses coletivos faz parte de um processo longínquo de grupos negros insurgentes a prisões, outrora físicas no cárcere da escravidão; hoje simbólicas, no cárcere de imaginários sociais, aniquiladores de humanidades extra ocidentais; tornando as pessoas subalternizadas objetos de uso e descartes. Tem como alvo a violência que através de órgãos institucionais, entre eles a escola, a mídia, o padrão de beleza ocidental que fragilizam subjetividades fraturadas, danificando organizadas existências negras, como podemos perceber no poema a seguir:

Ali, naquela viela
Existe uma princesinha triste
Ela está chorando
Porque estão rindo do seu cabelo.
Ali, naquela viela
A princesinha chora
por não querer ir pra escola
Ela diz não ter amiguinhos
E que a professora
Sempre a deixa de castigo.
E ali, mais uma vez
A princesinha vai chorar
Ela pede a Deus
Que lhe dê cabelos lisos,
olhos azuis e pele branca
Seria igualzinha as "lindas princesinhas"
Dos contos de farsas



Oh, menina princesa!
Enxergo em você tanta beleza
Seu cabelo trançado é realeza
Sua pele cor da noite
É linda, tenha certeza
Seu sorriso é luz
Contagia minha alma
Seus olhos, que não são azuis
Me transmitem calma
Oh menina princesa!
Sim, você é princesinha
Nossas histórias encantadas
Foram apagadas
Mas você relatará um dia
Bela menina dos olhos de jabuticaba
Não ligue para quem te faz chorar
São pessoas que ainda não sabem
Que somos realeza
Menina negra
De linda beleza
Você sim
É uma princesa³.

A luta por representações em torno do racismo, no ambiente escolar, é o que expressa o poema de Raquel Almeida, onde percebemos a desconstrução da ideia eurocêntrica em torno do paradigma de beleza hegemônico, da superioridade branca, estimulada na mais tenra idade, através de contos de fada, livros didáticos e literatura clássica. Construindo, desde cedo, a baixa autoestima das crianças negras, causa sofrimentos e depreciações de seus atributos de beleza negra, por não terem pele branca e olhos azuis.

A poetisa Raquel relatou, em Sarau Elo da Corrente, em Pirituba, que fez essa poesia para sua sobrinha, quando expressara desgostos vividos na escola. O poema tem data, cor e

³ Poema de Raquel Almeida. Duas gerações vivendo no gueto. Selo editorial Elo da Corrente, São Paulo, 2011, p. 22-23.



lugar. É contemporâneo, traduz um cotidiano escolar que reproduz estereótipos racistas, considerados “normais” dada sua naturalização e “fixidez” na sociedade brasileira. Dialoga com o pensamento da professora Petronilha Gonçalves⁴, quando aborda relações étnico-raciais na escola, conceituando Educação como “processo de formação, por meio dos quais nos tornamos pessoas, situadas inicialmente numa cultura, depois em contato/confronto com outras, no seio de uma sociedade que articula privilégio para uns e marginalização para muitos outros”.

O racismo e a colonialidade em ambiente escolar se manifestam em inúmeros gestos, valores, vocabulário, métodos e práticas pedagógicas, enfraquecendo identidades que o educando traz consigo, de sua vida em família, comunidade, sua origem social e cultural, como expressa o poema. Ainda podemos perceber que seus versos têm uma função social antirracista, à medida que questionam valores presentes e transmitidos na prática educacional e procura empoderar crianças negras hostilizadas por seu pertencimento étnico.

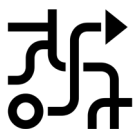
Invertendo os valores brancos, desconstrói o mito de beleza vigente, que se insinua em desejos infantis estimulados em publicidades, revistas de moda, brinquedos, jogos e mídias em contínuo retorno. Questiona padrões que estão na raiz, em mitos que “justificam” a superioridade europeia e que, não passam de “contos de farsas”. São “mentiras” que fortalecem uns, enfraquecendo outros, em sociedade excludente, eivado de preconceitos em centrado e evolutivo apego a padrões e conhecimentos eurocentrados. Ainda caracteriza ignorâncias dos que não sabem de procedências reais da população negra, buscando em histórias e mitos africanos sua ancestralidade e passado de “realeza”.

Nessa perspectiva, o poema aponta para mudanças, que estão em reflexões de artistas e intelectuais negros em torno de suas histórias, até então invisibilizadas, que virão à tona na medida em que forem relatadas por protagonistas negros e negras, falando de si, escrevendo suas memórias e trajetórias históricas, até então banidas e ignoradas, formatadas para um lugar social imposto, como condenação por um defeito de cor.

Tal questionamento, também encontramos em “Vaguei os livros e me sujei com a merda toda”, um vídeo documentário produzido por Akins Kinté, no qual os depoentes reclamam da invisibilidade negra nos livros didáticos, na literatura clássica, nos contos de fadas:

aquelas historinhas já manjadas, chapeuzinho vermelho, branca de neve [...] nem pra limpar o pé da princesinha branca o negro serve [...] muito ruim as

⁴ Palestra proferida no Museu Afro em “Diálogos com acervo afro Brasil”, no dia 16/10/2010, São Paulo, SP.



referências que eu tive quando eu era criança e adolescente, eu não conseguia me enxergar como sujeito de nada... a história é dos brancos, eles eram os bonitos, que ditavam o que era certo e o que era errado, quem era feio (tá ligado) e isso acabou dando afastamento pra mim da minha própria cultura, da minha ancestralidade⁵.

Esse depoimento compõe parte de documentário, demonstrando efeitos das ações de uma escola eurocentrada, onde jovens negros e negras narram suas experiências escolares. Falando sobre suas visões acerca do sistema educacional, onde, “aqueles velhos clássicos de sempre [...] são racistas escancaradamente, ou às vezes, nas entrelinhas” ou em atividades “que eles passavam pedagogicamente, eu me reconhecia sempre com coisas más”; e ainda, “o livro didático não fala por si só, você não vê na escola [...] não pega num cabelo crespo, professor não beija uma cara negra”.

Tais relatos permitem perceber o quão perverso é o ambiente escolar fazendo com que seus alunos negros e negras vivam rituais de estereótipias com “representações paradoxais: conota[ndo] rigidez e ordem imutável” como também desordens. Assim, o sistema escola reforça sua “missão” como instituição oficial, participando ativamente de um processo histórico de desumanização da alteridade extra ocidental.

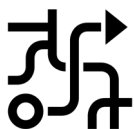
Percebe-se o racismo subjacente a práticas escolares bem além-literatura educacional que versa sobre filosofias educativas, cujas propostas humanistas, visões universalistas e ações pedagógicas configuram-se desumanizantes por reproduzirem estratégias dominantes, enquadrando crianças negras em categorias fixas, num continuum de estigmatizações:

Quando era pequeno 3^a e 4^a série sempre gostei de teatro (tá ligado) e sempre propus umas peças de teatro na escola, a fim de me ver encenando (tá ligado) e pra toda peça que eu propunha, que eu escrevia os roteiros e tal, eu ficava sem papel. E várias vezes eu representei a pedra, [...] representei o cachorro, [...] quando alguém for encenar João e o pé de feijão, um preto nunca vai ser João porque João não era preto, não vai ser o pé de feijão, porque o pé de feijão é meio que o protagonista da história⁶.

Cabe ressaltar que os jovens que compartilham conosco suas experiências escolares, mesmo vivenciando muitas experiências de sofrimento e desgaste de sua autoestima, se apropriaram das ferramentas do letramento, dominaram as “competências” necessárias para se organizar e denunciar o racismo escolar. Hoje formam coletivos com

⁵ Depoimento de Tito. In *Vaguei os livros e me sujei na merda toda*. Edições Toró, 2007.

⁶ Depoimento de James Bantu. In *Vaguei os livros e me sujei na merda toda*. Idem.



propostas de intervenção nessa realidade, onde realizam situações de empoderamento da população negra brasileira fora e dentro das escolas.

Tais ações significam dar visibilidade a “demandas” negras no campo epistêmico e da estética corporal, em diálogos intertextuais e interculturais. Essas ações pedagógicas introduzem no espaço educativo performances corporais, saberes e experiências memoriais de culturas afro-diaspórica, contribuindo também, para que as escolas cumpram a Lei 10639/03, atualizada em 11645/08.

Coletivos Culturais em ações pedagógicas afro-populares realizam intervenções artísticas e formativas que realizam, promovendo reflexões acerca do corpo negro, do racismo, da diferença racial, a estética corporal de matrizes africanas, visando provocar “fissuras” nos padrões de beleza e saberes eurocentrados, em espaços e situações de educação escolar e popular.

Coletivos culturais como: Manifesto Crespo, Terça Afro, Perifatividade, Bonecas Makena, Esperança Garcia tem seu ativismo pautado em práticas formativas, colocando, no centro da roda, diálogos sobre culturas afro-brasileiras e pertencas africanas, favorecendo movimentos e atitudes de negritude, com reconhecimento de suas estéticas e saberes e valores, enfim, afirmando identidades negras.

A ação dos saraus periféricos em escolas, também periféricas, tem o papel de “interlocutor”, “mediador”, pois leva para dentro destas suas expressões culturais, seu potencial de criatividade e potenciação de universos deixados nas margens. Nessa circunstância, o estudante encontra, até que enfim, a possibilidade de ver, se ver e expressar suas referências culturais tão reprimidas por essa mesma escola que recebe o sarau.

Nessa perspectiva, encontramos na apresentação de uma publicação da experiência de Sarau em escolas, realizada pelo Coletivo Perifatividade, a definição de “um novo meio de educação”. O trabalho, realizado de forma itinerante, aconteceu na favela e no CEU Parque Bristol, visando desenvolver em seu público uma “atitude proativa”, em que procuram mais que realizar o Sarau de “forma receptiva”, mobilizar as pessoas para interação com,

[...] opção de outra música, de uma leitura que a quebrada se identifique e se reconheça, diferentemente da literatura indicada no sistema educacional tradicional, tudo isso sem imposições. Somente fazer com que aquelas pessoas possam saber que, em seus bairros, também moram pessoas que fazem outras formas de arte e cultura e



que elas possam ser protagonistas dessas ações, tanto quanto quem a está fazendo naquele momento⁷.

Pode-se pensar que caminhos de multiletramento influenciam outras práticas que tem visado decolonizar seres e saberes em perspectiva intercultural, ou seja, “em sentido contra hegemônico” tem-se intensificado na região andina da América, significando o que, no dizer de Catherine Walsh, “se preocupa também, com exclusão, negação e subalternização ontológica, epistêmico-cognitivo de grupos e sujeitos racializados” (2009, p.23). Essa intelectual defende processos educativos interculturais críticos, como prática política. Mas é especialmente “com seres de resistência, insurgência e oposição, os que persistem apesar da desumanização e subordinação”.

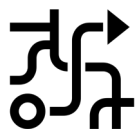
O Coletivo Manifesto Crespo atua desde 2010, desenvolve um trabalho acerca da estética capilar crespa, percorrendo diversos espaços sociais, com suas oficinas de tranças, dreads, turbantes, sempre iniciando os trabalhos afirmando o propósito “político” que carrega o trabalho cultural que desenvolvem. Trançar, turbantar, dançar, cantar, são verbos conjugados numa relação intertextual, mediadas por reflexões que se apresentam como princípio de luta na perspectiva da descolonização, ou reeducação corporal e de autoimagem, encampada por esse coletivo. Como bem expressou Dena Souza, o objetivo é: “fazer o grupo refletir, intervir, na forma de pensar o corpo negro, na perspectiva de aceitação de si mesmo, afirmar a autoimagem de forma positiva”⁸.

Nesse sentido, o coletivo organiza e desenvolve ações de intervenções culturais em perspectiva pedagógica afro-popular, onde a ancestralidade africana é a referência estética corporal e capilar. Seus processos formativos carregam ética de matriz africana: coletiva, comunitária, de saberes partilhados e incorporados, reafirmando ethos e estética em culturas de tradições orais.

A formação e afirmação da identidade negra é foco de atenção desses coletivos culturais, aqui tratados na perspectiva de reexistências culturais. Nesses coletivos, africanidades se delineiam, migram para a escola com sentidos que não são da escola. Lançam sementes de africanidades a fim de que floresçam práticas pedagógicas libertadoras, decoloniais de corpos, cabelos, seres e saberes.

⁷ Perifatividade nas escolas. Coletivo Perifatividade. São Paulo. 2012, p. 11.

⁸Ver <http://manifestocrespo.blogspot.com.br>.



FONTES

LIVROS

ALMEIDA, Raquel; M.A.Z.O, Soninha. *Duas gerações sobrevivendo no gueto*. São Paulo: Elo da Corrente Edições, 2011.

FONSECA, Ana. PEREIRA André. RAMS, Paulo. (orgs). *Perifatividade nas escolas*. São Paulo: Coletivo Perifatividade, 2012.

KINTÉ, Akins. Poesia “Duro não é o cabelo”. In RIBEIRO, Esmeralda. BARBOSA, Márcio (orgs). *Cadernos Negros*, volume 35: poemas afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2012.

DOCUMENTÁRIO

Vaguei os livros, me sujei com a merda toda. Roteiro: Allan da Rosa e Akins Kinte. Direção de Arte: Mateus Subverso. Brasil. 2007, 27’30”.

REFERÊNCIAS

ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias Ancoradas em corpos negros*. São Paulo: Ed. Educ. São Paulo, 2014.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. *Sin garantías*. Trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Universidad del Cauca, Envión, 2010.

HAMPÂTÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI ZE-ZERBO, J. (org). *História Geral da África*. Ática/Unesco, v.1. Belo Horizonte: EDUFMG, 1982.

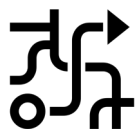
IROBI. Esiaba. O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na Diáspora. *Projeto História*, n. 44, São Paulo, Educ. junho/2005.

MIGNOLO, Walter D. *História locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizontes: Ed. da UFMG, 2003.

SILVA, Célia Regina Reis. *Crespos insurgentes, estética revolta: memória e corporeidade negra paulistana, hoje e sempre*. Tese (Doutorado em História) - PUC/SP: São Paulo, 2016.

WALSH. Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In CANDAU, Vera Maria (org). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

_____. *Pedagogias decoloniales: práticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivier*. Tomo II. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.



WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

_____. *Cultura*. Paz e terra. 2° ed. 2000.

Recebido em: 20/11/2020

Aprovado em: 10/12/2020